

**A era extremada e
o conhecimento
histórico
sintetizado:
História
Contemporânea 2**

**Gabriel Henrique de
Oliveira Furlanetto**

DOI: 10.11606/issn.2318-
8855.v11i1p485-484

NAPOLITANO, Marcos. **História contemporânea
2: do entreguerras à nova ordem mundial.** São
Paulo: Contexto, 2020.

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado: História contemporânea 2

Conflitos, consumo industrial e parte do desenvolvimento tecnológico foram condutores do extremado século XX, sendo o primeiro a cicatriz das reivindicações sociais por justiça, e os últimos, ironicamente, causas da negligência para com a condição humana, justamente pela industrialização estadunidense necessitar da exploração intensa do trabalho operário (assim como beneficiar uma parte minoritária da população) e o impulso tecnológico estar envolvido na criação de armas nucleares.

A obra em pauta, de Marcos Napolitano – professor titular doutor em História Social pela Universidade de São Paulo –, expõe os atritos ocorridos no decorrer do século XX até a primeira década do século XXI. Europa, Ásia, África, América Latina e os Estados Unidos são regiões globais abordadas nessa sintética obra. A narrativa das dores vivenciadas e as tensões totalitárias confrontadas pelas conquistas populares nos fazem lembrar do livro *Era dos extremos*, de autoria do historiador Eric Hobsbawm.

Nesse tópico, o falecido pesquisador marxista, em uma perspectiva panorâmica, perguntou-se:

Como iremos compreender o Breve Século XX, ou seja, os anos que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, que, como agora podemos ver retrospectivamente, formam um período histórico coerente já encerrado? Não sabemos o que virá a seguir, nem como será o segundo milênio, embora possamos ter certeza de que ele terá sido moldado pelo Breve Século XX. (HOBBSAWM, 1995, p. 15)

Em resumo, a obra apresenta as dicotomias históricas do século novecentista, que, se por um lado apresentou terríveis crises políticas, sociais e econômicas,

A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado

apontou os avanços da época – como a extensiva democratização política e a melhoria da qualidade de vida. Em outras palavras, é nisso que consiste o escopo da obra: a apresentação do século XX como um período em que houve grande contraposição entre o sofrimento humano e as grandes conquistas sociais. Diante disso, o historiador se direciona para vários assuntos: Crise de 1929, Revolução Russa, stalinismo, nazifascismo, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, revolução na China, descolonização (assunto muito levantado pelas Ciências Humanas no Brasil), ONU, Revolução Cubana, tensões no Oriente Médio, prosperidade econômica do pós-guerra, lutas sociais de movimentos estudantis, feminismo, resistência norte-vietnamita, contracultura, neoliberalismo e outros tópicos remanescentes. Tudo isso organizado em seis capítulos abarcando seus próprios subcapítulos.

Nesse contexto, Napolitano inicia o primeiro capítulo relatando algumas inquietações do entreguerras. “Em outubro de 1936, no começo da Guerra Civil Espanhola, em um evento que inaugurava o ano letivo na Universidade de Salamanca, um grito ecoou [...]: ‘Viva a morte!’” (NAPOLITANO, 2020, p. 13). Essa foi a manifestação da euforia fascista em uma guerra ideológica entre liberais, socialistas e comunistas, ora com embates, ora com uniões partidárias.

Desse modo, ele reitera os grandes e desenfreados embates entre as ideologias. Comentando sobre a oposição entre a ditadura comunista e as ditaduras nazifascistas, ele explica que essas ideologias são diferentes entre si, mas seus totalitarismos (a primeira, a União Soviética, e as segundas, a Alemanha Nazista e a Itália Fascista) são equivalentes. O comunismo não provém de preconceitos raciais, mas da tomada dos meios de produção e coletivização de terras. O nazismo e o fascismo, sim, nascem dos preconceitos raciais, além de poderem aderir a uma economia de mercado. Em suma, são ideias diferentes. Pelo totalitarismo de seus regimes, são, todavia, semelhantes, sendo que resultaram em perseguições, torturas,

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

massacres e demais atentados contra a dignidade humana. À vista disso, o cientista político Vladimir Tismaneanu diz:

Concordo com o [...] Pierre Hassner que, a despeito das diferenças entre stalinismo e nazismo, afirma que sua característica comum fundamental e definidora foi seu frenesi genocida. Ou, para empregar a formulação de Sheila Fitzpatrick e Michael Geyer: “O fenômeno do Gulag como uma manifestação da violência do estado soviético e o holocausto como o lugar central do terror nazista transmitem a mensagem inequívoca de que os dois regimes *eram fundados no genocídio*. (TISMANEANU, 2017, p. 29-30)

Aprofundando essa questão (ainda mais pelos debates contemporâneos), muito comentou-se sobre onde cada uma dessas ideologias estão posicionadas. O nazismo e o fascismo, como apontado pelo professor Marcos Napolitano, pertencem ao espectro de pensamento de extrema direita. Apesar disso, há intrigas de pensamento – agora tratando-se especialmente do Brasil – em considerar esses fenômenos ditatoriais como frutos do pensamento de esquerda. Economicamente, a Alemanha Nazista teve espaço para uma articulação de livre-mercado, o que é algo diminuto (ou até abolido) em polos de pensamento de esquerda.

Adjunto da temática ideológica, o pesquisador faz com que seja muito presente o assunto do quanto o século XX estava dividido em dois sistemas: capitalismo e comunismo. De um lado, os Estados Unidos da América foram o maior precursor da disseminação do capitalismo pelo mundo e, de certo modo, substituíram o antigo colonialismo europeu pelo seu próprio colonialismo, que não apresentou as características democráticas plenas que tanto divulgou, dado que, pelo contrário, colaborou para que diversos golpes militares surgissem na América Latina. Sendo assim, pode-se concluir que, estranhamente, querendo combater os totalitarismos comunistas, auxiliou o surgimento de outros regimes totalitários.

A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado

Quanto a esse assunto, a abordagem historiográfica disserta, assim, sobre a Guerra Fria. Napolitano, além de citar a corrida armamentista e espacial, menciona o conflito cultural desse período:

Nas áreas das artes e das ciências humanas, a disputa entre os dois blocos [capitalista e comunista] também foi intensa, no que os historiadores chamaram de “Guerra Fria Cultural”. [...]

Em 1950, em Berlim Ocidental foi fundado o Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), que agregou centenas de artistas e intelectuais anticomunistas ou mesmo esquerdistas críticos ao stalinismo, e que esteve ativo em 35 países. Nesse caso, o tema era mais a “liberdade de expressão” do que a “paz”. Em resposta à censura e ao controle partidário dos debates e da produção cultural e artística pelos partidos comunistas no poder em vários países, o CLC pretendia promover a liberdade de pensamento, de debate e de criação como um valor ocidental. Em 1966, surgiu um escândalo: o jornal *The New York Times* revelou que as atividades do CLC eram financiadas secretamente pela CIA, a agência de espionagem norte-americana, também envolvida em assassinatos e golpes de Estado. (NAPOLITANO, 2020 p. 68-69)

Na historiografia brasileira, isso também foi levantado pela pesquisadora Elizabeth Cancelli, que, através da obra *O Brasil na Guerra Fria Cultural: o pós-guerra em releitura* (2017), mostra como a CLC foi exemplar em tratar o conflito ideológico como algo preteritamente discursivo e intelectual, para que apenas assim os âmbitos militares, diplomáticos e econômicos pudessem estar amparados efetivamente (PIGNATA; SILVA, 2020).

Além disso, comentando os “loucos anos 20”, Napolitano explicitou concisamente a incongruência capitalista que, na contemplação socialmente minoritária, elevou o consumo industrial, na medida em que operários lutavam por direitos trabalhistas, sendo eles, pois, uma massa que não usufruía do *american way of life*. Por essa via, o escritor apontou coerentemente os resultados do estado socioeconômico de uma multidão estadunidense: a busca por direitos trabalhistas frente à política liberal, que reprimia reivindicações sob a premissa de que estas instituiriam o comunismo.

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

Ainda sobre esse assunto, o autor cita o conceito de produção fordista. Ela é uma das configurações capitalistas regidas por um dos principais fundamentos do modelo socioeconômico estadunidense: o consumo como matriz social. Ademais, é muito presente a dissertação sobre as circunstâncias políticas atinentes a essa base de produção e, conseqüentemente, insurgências ideológicas que visavam o bem-estar do operário.

Nas grandes cidades industriais, os operários se organizavam para lutar por melhores salários e condições de vida, sofrendo forte repressão policial e jurídica. No combativo movimento operário norte-americano, os anarcossindicalistas se destacavam. Não por acaso, o famoso julgamento de dois imigrantes italianos anarquistas, Nicola Sacco e Bartolomeo Vanzetti, foi altamente simbólico da onda de repressão ao movimento operário, sinalizando como os anarquistas deveriam ser tratados pelos defensores da ordem. Mesmo sem obras contundentes, ambos foram presos em 1921, acusados de assalto e homicídio, sendo julgados e executados na cadeira elétrica em 1927. Uma intensa campanha internacional tentara impedir a execução dos dois militantes mobilizando trabalhadores e intelectuais, mas a Justiça norte-americana foi surda a todos os apelos. (NAPOLITANO, 2020, p. 15).

Chegada a narrativa sobre a crise de 1929, o autor discorre sobre uma eventualidade que caracterizou a problemática do liberalismo econômico. Posto isso, foi estabelecido um diálogo que ditou a primeira e memorável grande crise desse sistema e que marcou a primeira grande dúvida sobre o emblemático funcionamento capitalista, ancorado naquilo que é um dos seus maiores potenciais, pois “a maior crise do capitalismo não foi uma crise de escassez, mas de excesso, estimulada pela livre concorrência entre empresas privadas” (NAPOLITANO, 2020, p. 17). Inferindo o assunto e citando o *New Deal*, concluiu que o capitalismo estadunidense foi, paradoxalmente, salvo por uma medida considerada socialista.

Contudo, ao tratar de algumas das crises da produção capitalista, há certo esquecimento em relação às questões ambientais, muito demandadas na segunda

A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado

metade do século XX. A ausência dessa consideração na obra pode dificultar uma compreensão histórica (ainda mais em um livro panorâmico) sobre uma das principais discussões sobre os impactos de produção industrial na sociedade. Negligenciando essa perspectiva, é deixada de lado uma discussão – que para alguns pode ser a mais seriamente emergente – sobre as ações humanas e seus consumos nas contingências ambientais.

A partir da segunda metade do século passado a humanidade pôde acompanhar as consequências de um sistema remanescente da Revolução Industrial que, por visar apenas a produtividade com foco no crescimento econômico, não zelou pela qualidade do ambiente e a consequente saúde da população. Contaminações de rios, poluição do ar, vazamento de produtos químicos nocivos e a perda de milhares de vidas foram o estopim para que, partindo da população e passando pela comunidade científica, governantes de todo o mundo passassem a discutir e buscar formas de remediação ou prevenção para que tamanhas catástrofes não se repetissem. (POTT; ESTRELA, 2017, p. 271)

Além do mais, a Revolução Verde também é um dos temas ausentes no livro. Mesmo comentando sobre tópicos referentes às questões sociais da agricultura, o alheamento referente às desenvolturas do setor agrário (e pecuário) retrata uma dissonância de debate, em razão de que a produção de alimentos foi um dos (supostos e controversos) avanços do século XX.

[...] o problema do mundo desenvolvido era que produzia tanto alimento que não sabia o que fazer com o excedente, e na década de 1980 decidem plantar substancialmente menos, ou então (como na Comunidade Europeia) vender suas “montanhas de manteiga” e “lagos de leite” abaixo do custo, com isso solapando os produtores nos países pobres. Ficou mais barato comprar queijo holandês nas ilhas do Caribe que na Holanda. Curiosamente, o contraste entre excedentes de alimentos de um lado e gente faminta do outro, que tanto revoltara o mundo durante a Grande Depressão da década de 1930, causou menos comentário em fins do século XX. Foi um aspecto da crescente divergência entre o mundo rico e mundo pobre que se tornou cada vez mais evidente a partir da década de 1960. (HOBSBAWM, 1995, p. 256)

Focando no desenrolar da indústria, Napolitano ignora na obra em pauta que os impactos da produção (e da logística) de alimentos resultaram em grandes

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

transformações sociais, tendo o século XX como um dos períodos – ao menos em uma específica visão histórica – que perpetuou a supressão da agricultura de subsistência “em benefício de uma agricultura completamente voltada para o mercado.” (TEUTEBERG; FLANDRIN, 2018, p. 709). Nesse caso, como a obra é um livro de síntese, a ausência de uma dissertação sobre a Revolução Verde não é algo necessariamente alarmante, dado que isso apenas demonstra a necessidade da expansão do debate historiográfico.

Adentrando na conceituação de rupturas sociais, o fim de tudo isso foram as revoluções de jovens e acadêmicos pelas alterações socioculturais.

Na década de 1960, as comunicações de massa, sobretudo a televisão, tiveram um impressionante desenvolvimento tecnológico. Satélites colocavam regiões distantes do planeta em contato entre si, “ao vivo, em cores”. Nesses anos de revolução cultural jovem, tinham sido abalados valores e instituições, sobretudo nos países mais ricos do planeta. Muitos comportamentos também foram questionados e modificados. A mídia, a indústria da moda, as universidades e as artes foram particularmente afetadas. (NAPOLITANO, 2020, p. 133).

Em todo esse contexto, prevaleceram movimentos como o dos hippies e estudantes revolucionários, circundados pelos protestos contra a guerra no Vietnã (consequência do mundo polarizado do século XX) e o segregacionismo racial, maior liberdade sexual, feminismo e eventos de sociabilidade como o *Woodstock*, por exemplo. Nessas situações, esse século revelou os maiores e mais diferentes levantes sociais da história contemporânea. Por todas essas ocorrências, as tecnologias e o consumo industrial foram se desenvolvendo e estiveram, também, atrelados na constituição desses eventos, alcançando, desse modo, a globalização.

“Nova ordem mundial”. Conceito presente no título da obra, mas sem o autor especificar uma das significâncias dela. Hoje em dia, com as mídias sociais

A era extremada e o conhecimento histórico sintetizado

extremamente potencializadas, é necessário abordar a formulação no seu contexto, porque, devido aos debates atuais, há de se confundir com premissas que ditam o controle de um governo mundial unificado. Entretanto, Napolitano disserta sobre a integração econômica e política do mundo.

Por fim, o autor explicita que, mesmo diante do novo estado em que o mundo se encontra, em uma integração econômica jamais vivenciada, a desigualdade entre países ainda é latente, visto que sobraram resquícios da colonização, mesmo que nações chamadas de terceiro mundo tenham, supostamente, se emancipado. Nesse tópico, a contemporaneidade fala sobre descolonização, diante de uma ordem mundial em que as dependências econômicas frustram autonomias nacionais.

Portanto, o professor doutor Marcos Napolitano, em sua obra intitulada *História contemporânea 2: do entreguerras à nova ordem mundial*, relata o percurso doloroso em que a sociedade se encontrou entre o desenvolvimento e a tirania de governos. Sobretudo, descreveu concisamente o que, de fato, o século XX formou, tendo o século XXI herdado os seus conflitos. Na abordagem das tensões, as massas não foram ignoradas na narrativa, na qual suas ações, muito mais que as ideologias, protagonizaram os embates de seus progressos e considerações, estando eles presentes, referenciando Hobsbawm, em uma era de extremos.

Referências bibliográficas

CANCELLI, Elizabeth. **O Brasil na Guerra Fria Cultural: o pós-guerra em releitura**. São Paulo: Intermeios, 2017.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Gabriel Henrique de Oliveira Furlanetto

PIGNATA, Júlio Barnez; SILVA, Wanderson da. Brasil de exotismo, minoridade e alinhamento: por uma contra-proposta historiográfica. **História (São Paulo)**, Assis/Franca, v. 39, p. 1-6, 2020.

POTT, Crisla Maciel; ESTRELA, Carina Costa. Histórico ambiental: desastres ambientais e o despertar de um novo pensamento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 271-283, 2017.

TEUTEBERG, Hans Jurgen; FLANDRIN, Jean-Louis. Transformações do consumo alimentar. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. História da alimentação. 9. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

TISMANEANU, Vladimir. **O Diabo na História**: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX. Campinas: Vide Editorial, 2017.